

EROTISMO E SUBJETIVIDADE ÉTICA NA POESIA: *NUA SOB ESCAMAS* DE LUCIANA QUEIROZ

Yago Viegas da Silva¹
Amanda Ramalho de Freitas Brito²

RESUMO

O estado da Paraíba é um destaque nacional quando falamos em produção literária, seja na prosa (através do cânone) ou na poesia, sobretudo, a contemporânea, na qual se destaca como um dos estados que mais produz e publica poesia no Brasil. Nesse contexto, Luciana Queiroz, poeta e mulher campinense, se configura com um dos grandes nomes da poesia paraibana contemporânea que traz o lugar da experiência poética a partir da passagem entre o corpo e a linguagem. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar o lugar do erotismo como ética da corporalidade carnal da vida presente no livro *Nua sob escamas* (2016), de Luciana Queiroz, publicado pela Editora Patuá. Nesta obra, o erotismo e o poético confundem-se e revelam o feminino como consciência corporal que move a voz e a força da intenção dos desejos comumente cerceados pela ordem do falocentrismo. Assim, o sujeito lírico pode ser entendido como uma força empoderadora que é um tema que perpassa quase todos os poemas, a contar pelo próprio título. Além disso, outra temática presente é a estética do sertão e este espaço tomado como um símbolo-força atrelado ao sujeito lírico, de modo que o resultado desta comunhão de forças é sempre um sujeito feminino erotizado, materializado, resistente que estabelece pela nudez poética as tessituras da libertação. Para fundamentar a nossa análise contamos com as reflexões de Lorde (2019), Bataille (2021), Saffioti (2019), Dussel (2016).

Palavras-chave: Poesia paraibana. Erotismo e ética. Luciana Queiroz

INTRODUÇÃO

*Olho muito tempo o corpo do poema
Até perder de vista o que não seja corpo*
Ana Cristina César

“O erótico é um recurso intrínseco de cada uma de nós, e que tem firmes raízes no poder de nossos sentimentos reprimidos e desconsiderados”, diz Audre Lorde (2019, p. 66) no artigo – *Os usos do erótico: o erótico como poder*, apresentado em 1978 na Fourth Berkshire Conference on the History of Women. Nesse texto, Lorde propõe, explicitamente, a consciência do erótico com processo de auconsciência da satisfação, da voltagem criativa e da reivindicação da linguagem da mulher em *movência* do caos para a autoafirmação. Nesse sentido, a performatividade poética do erotismo, na palavra-corpo, é convocatória provocativa

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, yagoviegas.ufpb1@gmail.com;

² Professora de Literaturas de Língua Portuguesa e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, amanda.ramalho@academico.ufpb.br

para a explosão de sentidos de si, do mundo e da corporeidade relacional da vida. Sobre isso, a palavra-poética nos diz que:

*Na intenção de acender o vulcão,
procuro suas lavas.
Procuro onde provocar dentro delas a deliciosa combustão.
Mas, o que quer a pequena menina?
Pergunta a tarde que a tudo assiste cintilante.*

*Quero acordar o gigante,
despertar labaredas,
provocar o poeta,
chamá-lo à consciência
revolucionária da própria força,
insuflar nele a paixão...
Quero o fogo,
a ardente chama da emoção.
Futuco então suas lavas.
Quero acordar o vulcão.*

(Poema Provocação, In: *Vozes Guardadas*, Elisa Lucinda, 2016, p.37).

A partir daí, poderíamos dizer que, no poético dos versos, o erotismo é linguagem que se move como corpo encarnado pelas palavras que traduzem o tempo como experiência do desejo e da consciência vital. Para Leda Maria Martins (2021) a palavra potencializa a nossa experiência com o tempo, processada dialeticamente com o corpo. Se a poesia dos antigos era movimento com o corpo e com a voz, na poesia contemporânea, escrita por mulheres, é palavra que dança para existir, é uma forma de escrever vivendo, ou de *escrevivência* como propôs Conceição Evaristo: “a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo” (EVARISTO, 2005, p.02), ou é a dança-canto que meu corpo executa porque está Nu sob escamas, cujo poder se alarga pelo corpo da linguagem.

Se a sociedade veste a existência das mulheres (cis e trans) com escamas, roupas que escondem a *práxis* subjetiva, então, a poesia tem compreendido que o erotismo se desenrola em escamas metafóricas, imagéticas, performáticas e explícitas que autoafirma o poder do feminino em sua pluralidade. “O erótico ressalta de forma franca e destemida a minha capacidade para o gozo. No modo como meu corpo se alonga com a música e se abre em resposta, ouvindo seus ritmos mais profundos.” (LORDE, 2019, p. 70).

Ao restabelecer a consciência da linguagem erótica, torna-se possível pensar a ética da corporalidade carnal da vida. “A vida humana da qual falamos não é um conceito abstrato. É

um modo de realidade. Onde o real se atualiza como verdade prática na experiência corporal” (DUSSEL, 2016, p. 27). Nessa perspectiva, a ética subjetiva é interpretada a partir do mito racionalizado de Osíris, sobre o qual se desenvolverá uma compreensão crítica e responsável do corpo como referência suprema, segunda a proposição decolonial de Enrique Dussel (2016).

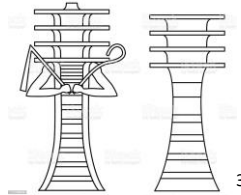


Figura 1: Djed

O simbolismo de Osíris representado pelo Djed nos convoca a imergir na presentificação do corpo como pilar de estabilidade e permanência, ou seja, pelo corpo, o sujeito se amplia e permanece como memória que se consolida no Outro ou na experiência de alteridade. Pelo Outro, vive aquilo que desconhece, mas que é parte constituinte de quem vai-se-dando, é um ser aberto.

É importante esclarecer que essa relação entre subjetividade, corpo e experiência traduz na escrita erótica não apenas uma consciência de si, mas de uma subjetividade que é coletiva por refletir também os anseios de um grupo. Heleieth Saffioti (2019) reconhece que a subjetividade só pode ser construída eticamente, na *práxis*, e a partir do diálogo com o ser coletivo, incorporando ao ser singular as lutas de sua categoria. Partindo desses pressupostos, Podemos perguntar de que maneira o erótico feminino está conectado com a subjetividade ética na poesia contemporânea?

As respostas advêm da própria poesia: “Dentro da carne do nome – escavando sua pela grossa – está a verdade da criatura” (poema *Batismo*, Lívia Natália, do livro *Sobejos do mar*, 2017); “Mais me faço eu, mais me faço mulher, redonda e minha” (Poema: *Pedra*, Luciana Queiroz, do livro *Nua sob escamas*, 2016); “Eu sou a mulher-fósforo e vim para _____.” (Poema: *A mulher-fósforo*, Mariana Tabosa, do livro *A mulher-fósforo*, 2016). O erotismo poético permite o desabrochar da subjetividade, a liberdade de si e o revide. Assim, Lorde (2019, p. 72) nos diz que: “em contato com o erótico, eu me torno menos disposta a aceitar a impotência, ou aqueles outros estados do ser que nos são impostos e que não são inerentes a mim, tais como a resignação, o desespero, o autoapagamento, a depressão e a autonegação”.

³ Imagem retirada da página: <https://www.istockphoto.com/br/vetor/esbo%C3%A7o-djed-pilares-gm471286508-63057555> acesso em 21/12/2022

O erotismo é a *práxis* que amalgama experiência e criação, uma vez que se opõe a qualquer estrutura fechada. “A ação decisiva é o desnudamento. É um estado de comunicação que revela a busca de uma continuidade possível do ser para além do voltar-se sobre si mesmo. Os corpos se abrem para a continuidade através desses canais secretos que nos dão o sentimento da obscenidade” (BATAILLE, p.41). Ainda em conformidade com Bataille, a obscenidade é uma desordem que afirma a posse de si, e funciona na poesia, a nosso ver, como rastros do desejo erótico performativo pela palavra.

Desse modo, observemos que, ora o erótico pode aparecer como símile do desejo ou da lembrança do ato, a exemplo dos versos: “rio que corre solto e largo aqui dentro é saudade perene que nunca encontra o mar (...) que molha o corpo de desejo e banha a mente de vontades” (poema *Rio Perene*, de *Nua sob escamas*); ora o gozo é tecido plasticamente como se olhássemos como *voyeurs* a dança do prazer, o que de maneira fácil é visto no poema *Do prazer*, de Luciana Queiroz. Ressalta-se, ainda, que o obsceno, comumente é associado à pornografia, no entanto, é um recurso utilizado tanto no erótico como no pornográfico, e seu uso difere-se conforme os objetivos comunicativos da literatura. Não se pode esquecer que as definições sobre pornografia são distintas na literatura, no cinema, na televisão e em outras mídias.

Na literatura, a pornografia emergiu como escritos sobre prostitutas e, posteriormente como uma forma de consciência: “é o sentimento da transgressão que revela o prazer, e ele está intrinsecamente relacionado à proibição”. De fato, a pornografia só pode ser entendida como algo que lhe é exterior, sobre os outros, nunca sobre uma individualidade (MORAIS e LAPEIZ, p. 55).

Acerca dos escritos literários, poderíamos dizer, sem esgotar o assunto, dentro da leitura crítica que assumimos para ler a obra de Luciana Queiroz, que tanto na poesia quanto na narrativa, o discurso literário pornográfico perfila-se pela descrição obscena de uma história ou percepção que não é do *eu*, mas de um narrador observador que não utiliza o discurso indireto livre como no conto *Obscenidades para uma dona de casa*, de Ignácio de Loyola Brandão, ou de um texto poético que se centra no quadro obsceno de pessoas descritas por um eu que não participa da cena obscena, mas é um *flâneur* (observador). Por isso, preferimos discutir a poesia de Queiroz a partir do erótico metafórico e performativo. Este último designa, na nossa análise, o ato performativo e desnudado do gozo. Tendo em vista que a subjetividade poética é demarcada por marcas discursivas de um eu que tem posse de si e da atuação erótica do seu desejo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nua sob escamas é uma coletânea de poemas publicado pela poeta paraibana Luciana Queiroz, de Campina Grande. Lançado em 2016 pela Editora Patuá, o livro possui poemas nos quais o sujeito lírico reitera sua feminilidade e canta, ora os espaços do sertão, ora a estética da corporalidade, ora o gozo, ora a identidade da mulher e suas múltiplas faces.

No poema em evidência abaixo, é possível vislumbrar a imagem de uma mulher em constante transformação, numa metamorfose constante.

Poema: *Pedra*

*Sou pedra
E de rocha é feita toda minha alma de mulher
Reclino-me no chão quente
E lá fico
Parada
À mercê da chuva e do vento
porque deles se faz minha erosão voluntária.
Me desgasto, me esfarelo
E cada partícula de areia que sai de mim
Compõe o mundo inteiro*

*Sofro, me dilacero
Mas sei que só assim faço parte de tudo isso.
A cada chuva,
A cada ventania,
A cada casal que pinta de branco seus nomes de amor em mim,
Me faz mais pedra
Me faz mais rocha,
Pois sei que a cada erosão
Me lapido mais*

*É de natureza minha alma polida
E cada vez que mais redonda fico
Mais me faço eu
Mais me faço mulher, redonda e minha*
(Pedra, IN: *Nua sob escamas*, Luciana Queiroz, 2016, p. 33).

O poema “Pedra” é composto por vinte e três versos livres alocados em três estrofes. Nele, podemos nos remeter à figura da mulher que se associa ao símbolo da pedra (interessante como esse símbolo nomeia e perpassa todo o corpo do texto poético), de maneira

que a constituição da feminilidade que é construída ao longo do poema nos leva a compreender um sujeito lírico que está em pleno processo de autorreconhecimento.

Em um primeiro momento (primeira estrofe), o a imagem da constituição do sujeito feminino se equipara à da erosão causada pelos fenômenos naturais (chuva e vento) nas rochas, processos esses que as transformam lenta e gradativamente, de modo que o resultado final é uma “pedra-mulher polida”. Nesse sentido, “a mulher que se reclina no chão quente e lá fica parada à mercê da chuva e do vento” é a que está em constante construção/transformação.

Aqui, algo que é muito significativo é a referência ao chão quente, sobretudo se considerarmos que Luciana Queiroz é uma autora de Campina Grande, na Paraíba, que evoca em seus versos, o espaço sertanejo. Nessa perspectiva, o sertão, simbolizado como um espaço de resistências múltiplas e que está sempre em transformação, é retomado pela metamorfose da pedra-mulher que se constitui também como um elemento de resistência, sempre a fim de torna-se mais plena.

Considerando que o processo de transformação é sempre sôfrego e lento, a segunda estrofe do poema nos apresenta um lirismo que, ao retomar os elementos naturais da primeira estrofe, reitera a união e o significado dessa pedra/rocha/mulher, como se embora o sofrimento seja parte do processo, há uma consciência deste. Um verso bastante elucidativo dessa estrofe é “A cada casal que pinta de branco seus nomes de amor, em mim” (v. 15), que faz uma referência ao costume dos enamorados de marcar as iniciais de seus nomes em pedras ou troncos de árvores, como uma forma de perpetuar esse amor-memória. Assim, a pedra da qual todo o poema fala é a mulher que aflora os sentimentos e vive sua subjetividade, em todos os aspectos, como uma forma de afirmar sua identidade.

Finalmente, a última estrofe do poema nos apresenta uma pedra-mulher que parece que completou sua transformação em plenitude, tornando-se redonda (a forma natural como as rochas ficam depois de longos tempos submetidas à erosão). Essa afirmação pode ser vista nos dois últimos versos do poema: *mais me faço eu / mais me faço mulher, redonda e minha* (v. 22/23).

O poema *Pedra* é significativo não apenas porque faz referência a uma mulher que se funde ao elemento resistência da pedra/rocha a fim de transformar-se num processo gradativo até atingir sua lapidação completa, mas também por trazer para essa atmosfera sensível a consciência do que é ser mulher, consciência esta que é corporal e também emocional. Já em *Sede*, o sentido crucial do texto está diretamente relacionado à ausência do objeto de desejo.

Poema: *Sede*

*Ah! Sede insaciável que me rasga a goela
E me faz crer que a seca chegou
Da minha boca nem um cuspinho que alivie
A ausência que de mim se faz Dela*

*Tônica, vinho, cerveja
Essas invenções humanas será que adiantam
Diante de todo esse chão rachado, seco?
Reviro teus gestos, frases e risos em minha mente
Para ver se consigo aguar algum sossego*

*Suor, saliva, gozo
Essas sei que são bebidas que me saciariam
E me fariam crer que o inverno chegou
Com suas doces e frias águas, chegou
Essas sim
São águas que matam em mim a saudade de ti
(Sede, IN: *Nua sob escamas*, Luciana Queiroz, 2016, p. 43)*

É um poema composto por quinze versos divididos em quatro estrofes e cujo sujeito lírico canta a ausência do objeto de desejo. Esse objeto, também feminino, nos indica um caminho para entender o quão significativo é o tema erótico nessa poesia, de modo que aqui ele assume uma postura de afirmação da subjetividade do sujeito.

A começar pelo título, que nos direciona para a relação entre a sede e a água, a leitura do texto nos revela um sentimento em plena fase de acontecimento: a espera, a ausência, o gozo impossível, o anseio pelo beijo, a sede insaciável que coloca o sujeito lírico em estado de falta.

Na primeira estrofe, o eu lírico delira em estado de sede, mas não de uma sede cuja possibilidade de aniquilação estivesse na água como elemento natural. A sede, aqui, é a da mulher amada, personificada através do pronome *Dela* em *A ausência que em mim se faz Dela* (v. 4). Nesse sentido, o poema de Luciana Queiroz é revigorante ao cantar o amor à mulher amada, como faziam já os antigos, e como esta mulher encontra-se em um plano de quase impossibilidade, o sujeito lírico faz menção a esse desejo-mulher buscando em sua mente trechos de felicidade conjunta que possam amenizar sua sede-sofrimento.

A segunda e a terceira estrofe trazem, para a imagem poética, vários fluídos que poderiam matar a sede: tônica, vinho, cerveja (invenções humanas) ou saliva, suor e gozo (líquidos do corpo). Na completa impossibilidade de matar a sede com aquilo que dispõe (invenções humanas), o sujeito lírico admite que somente a mulher amada o tiraria do seu

estado de seca (recuperando mais uma vez o elemento e a estética do sertão ao apresentar, no segundo verso, a seca, estado de infertilidade no qual tudo padece, tal qual o eu lírico) e traria o inverno e suas águas (versos doze e quinze).

Outros elementos bastante significativos para a construção do sentido desse texto é o tom memorialístico que ele assume e o estado de euforia no qual o sujeito lírico se encontra. Primeiramente, em relação à memória, ela é importante porque é onde estão armazenadas as únicas coisas capazes de encerrar, ainda que momentaneamente, a falta *Dela*. Já a euforia, com um tom bem mais acentuado, se condensa no próprio sentimento da sede, visto que o ser humano não é capaz de resistir a ela (sede) por mais de alguns dias, além do fato de que, ao senti-la, cada um busca os meios necessários para saná-la de imediato.

O erotismo presente em *Nua sob escamas* é um espetáculo poético, embora o amor e o gozo não sejam sempre passíveis de realização. De tom mais diligente, o poema abaixo conversa como o erotismo constitui uma forma libertadora de expressão, pensamento e paixão.

Poema: *Libido*

*Tenho um fogo grande
no meio das pernas
não posso esperar*

*Conseguir adiar
a chegada do vento
que inflamará
ainda mais
as labaredas de mim
está cada vez mais difícil*

*Chamas lambem
meu púbis de mel
preciso partir*

Lua cheia, meu ponteiro de bússola
(*Libido*, IN: *Nua sob escamas*, Luciana Queiroz, 2016, p. 73)

Em *Libido*, o desejo e o prazer estão aflorados, mais erotizados do que nos poemas anteriormente refletidos. Já no terceto que inicia o poema, o sujeito lírico afirma que tem *um fogo grande / no meio das pernas* (v. 1 e v. 2). No Nordeste do Brasil, sobretudo nos espaços do interior, existe uma expressão popular muito conhecida para se referir a uma mulher em

estado de desejo afetivo-sexual, que é justamente a expressão “estar com o fogo no meio das pernas”, como uma forma de se referir à vagina como fonte do desejo sexual. Essa expressão, contudo, ignora uma corporalidade total da mulher, que a constitui e que fora historicamente suprimida em seu desfavor.

O desejo ao qual o poema reafirma incansavelmente perpassa toda a linguagem poética desse texto, de modo que é extremo do primeiro até o último verso. A imagem da mulher que se contorce de desejo-tesão é nítida e os elementos corporais que vão desde as pernas até o púbis contribuem para a formação de uma figura plenamente erotizada.

Os elementos naturais, tão caros à poesia de Queiroz, são novamente referenciados: o vento e a lua. O vento, elemento do êxtase, dos vendavais, aqui seria a força motriz que acenderia ainda mais as labaredas do fogo dessa mulher. A lua, não o satélite, mas seu sentido abstrato, cheia, enorme, completa e pronta, de modo que é ela quem dita a direção, ao ser também o ponteiro da bússola. O amor eros e o desejo presentes nesse poema nos remetem ao sentimento aflorado e o desejo sexual que existe em todos nós, homens ou mulheres, mas a estas foi negado o direito de manifestá-los, sob o discurso de vulgarização. O que vemos na poesia *Libido* é o completo oposto, já que ele nos fala de uma mulher em sua totalidade, corpo (carne e desejo), alma (emoções, fogo, gozo) e o desejo perpassando a ambos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia paraibana produzida e publicada atualmente é rica em formas de expressão e também no seu papel de instrumento de humanização, democratização e expressão da força humana. Hoje, temos a oportunidade de dar a tantos bons poetas a oportunidade de terem sua poesia-voz (com excepcional qualidade, decerto) conhecida, reconhecida e lida.

Nesse contexto, Luciana Queiroz se classifica como uma poeta a quem a poesia se manifesta numa pluralidade que é característica marcante de seu tempo. Em *Nua sob escamas*, por exemplo, é possível encontrar temas e estéticas diversas, mas o que há em comum é que todas elas perpassam o corpo e o ser da mulher, seja como tema, horizonte, memória ou referência, assim, o erotismo em Queiroz é uma manifestação da essência e da existência das mulheres, manifestadas no chão quente, na pedra, no vento, na lua. Reconhecer, portanto, a força dessa poesia talvez nos aponte um novo horizonte na produção poético-literária brasileira.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Fernando Scheibe (tradução). Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

CESAR, A. C. **A teus pés**. São Paulo: Ática, 2002.

DUSSEL, Henrique. **Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação**. Revista Sociedade e Estado (Rio de Janeiro), v. 31, n.1, p. 51- 73, 2016.

EVARISTO, Conceição. “Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face.” In: **Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora**, Nadilza Martins de Barros Moreira & Liane Schneider (orgs). João Pessoa, UFPB: Idéia/Editora Universitária, 2005.

LORDE, Audre. “A poesia não é um luxo”. In: **Irmã outsider**. Stephanie Borges (tradução). Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MORAES, Eliane. R. LAPEIZ, Sandra M. **O que é pornografia: sexo livre, sexo explícito**. São Paulo: Abril Cultural, Brasiliense, 1985.

QUEIROZ, Luciana. **Nua sob escamas**. São Paulo: Editora Patuá, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth. “Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade”. In: **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Heloisa Buarque de Hollanda (org.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.